

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Marc Coppey violoncelo e direcção musical

17 Mar 2023 · 21:00 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MEENAS CASA DA MÚSICA

MEDIANÇA
ATIV

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Carl Maria von Weber

Abertura de *O Franco-Atirador* (1820; c.10min)

Robert Schumann

Concerto para violoncelo e orquestra em Lá menor, op. 129 (1850; c.25min)

1. Nicht zu schnell [Não muito rápido] —
2. Langsam [Lento] —
3. Sehr lebhaft [Muito vivo]

2ª PARTE

Antonín Dvořák

Sinfonia n.º 8 em Sol maior, op. 88 (1889; c.35min)

1. Allegro con brio
2. Adagio
3. Allegretto grazioso
4. Allegro ma non troppo

Carl Maria von Weber

EUTIN, 18 DE NOVEMBRO DE 1786

LONDRES, 5 DE JUNHO DE 1826

Abertura de *O Franco-Atirador*

Os pais de Carl Maria von Weber tinham um teatro ambulante, de modo que ele cresceu a ouvir música tradicional alemã. Consequentemente, toda a sua actividade profissional se desenrolou em torno da ópera e do teatro musical: desde o posto de mestre de capela do Teatro de Breslau, que obteve em 1804, com 18 anos de idade, até ao de director musical da Ópera Alemã de Dresden, cargo que exerceu durante os últimos nove anos da sua vida, de 1817 a 1826, passando pela direcção musical do Teatro de Ópera de Praga, entre 1813 e 1816.

Composta entre 1817 e 1820 e estreada em Berlim a 18 de Junho de 1821, sob a direcção do compositor, *Der Freischütz* é a primeira ópera oitocentista a alcançar o estatuto de emblema nacional. O libreto, da autoria de Johann Friedrich Kind, é baseado numa colecção de histórias fantásticas escritas por Johann August Apel e Friedrich Launé, e publicadas em 1810. O enredo gira em torno de Max, um guarda-florestal, que, induzido por Caspar, outro guarda-florestal, fez um pacto com Samiel, o Caçador Negro, dotado de poderes diabólicos, para lograr ganhar um concurso de tiro e assim obter a mão de Agathe, a sua amada. O encontro entre Samiel e Max ocorre em casa daquele, na Garganta do Lobo, nas profundezas da floresta. Samiel dá a Max sete balas mágicas que irão acertar no alvo pretendido. Esquece-se, porém, de lhe dizer que a sétima bala está enfeitiçada para acertar no alvo escolhido por Samiel. Depois de ganhar o concurso de tiro com as seis balas mágicas, Max dispara a última apontando para uma pomba branca

que pousou num ramo. Agathe tem uma premonição, solta um grito assustado e desmaia logo a seguir. Samiel tinha encaminhado a bala para acertar em Caspar, que estava escondido atrás da árvore, matando-o. Max confessa o seu erro, é perdoado e casa com Agathe.

É justamente a inclusão de elementos incontornáveis do Romantismo literário alemão (tais como a floresta, o caçador, o diabo e a magia), aliados a elementos musicais típicos do *singspiel* germânico e da *opéra comique* francesa (como os diálogos falados, os números curtos e as melodias que emulam a música tradicional alemã), que faz de *Der Freischütz* um marco no repertório operático germânico. Weber transformou a abertura num resumo instrumental de toda a trama da obra. Mas, ao invés de escrever um *pot-pourri* dos principais temas, utilizou a forma sonata para criar um trecho com significado dramático. A abertura começa com um *adagio* expressivo que caracteriza o cenário onde a acção se vai desenrolar: a floresta. O tema inicial está relacionado com a ária de Max do Acto I; é um trecho sombrio que espelha a agitação e preocupação do protagonista da ópera. Já o segundo tema é retirado da ária de Agathe, do Quadro I do Acto II, onde ela expressa a sua alegria pelo futuro radioso que a espera. A ponte entre os dois temas principais é desenhada sobre a música sinistra que descreve a Garganta do Lobo, onde Samiel faz a sua magia com as balas.

Robert Schumann

ZWICKAU, 8 DE JUNHO DE 1810

ENDENICH, 29 DE JULHO DE 1856

Concerto para violoncelo em Lá menor

Robert Schumann foi o primeiro compositor de renome da primeira metade do século XIX a escrever uma obra concertante para violoncelo. Haydn e Boccherini dedicaram-se a este gênero musical nos segundos cinquenta anos da centúria anterior, mas os seus sucessores, como Mozart e Beethoven, por exemplo, não deram praticamente nenhuma importância ao violoncelo enquanto instrumento protagonista do gênero concerto.

Este eclipse pode ser explicado, por um lado, pela tessitura grave do instrumento, um registo sonoro menos agradável quando comparado, por exemplo, com o violino; e, por outro, pelo crescimento, em tamanho e, sobretudo, em volume sonoro, das orquestras oitocentistas, volume esse que abafaria o instrumento solista.

É, por isso, surpreendente que, em duas semanas de Outubro de 1850, imediatamente antes de assumir o cargo de maestro da orquestra da cidade de Dusseldorf, Schumann tenha composto o seu Concerto para violoncelo em Lá menor, op. 129. Um ano antes, escrevera as cinco *Stücke im Volkston* (Peças em estilo folclórico), op. 102, para violoncelo e piano, obra que pode ter servido de preâmbulo para a criação de uma peça concertante para o mesmo instrumento de cordas. A escassez de obras em que o violoncelo é o instrumento solista foi o argumento utilizado por Schumann para persuadir a editora Breitkopf & Härtel a publicar o Concerto, em 1854. Todavia, só seria estreado seis anos depois, a 23 de Abril de 1860, em Oldenburg. Cerca de dois meses depois, voltou a ser interpretado em Leipzig,

pelo violoncelista Ludwig Ebert e a orquestra da Gewandhaus dirigida pelo maestro Julius Rietz, permanecendo na mais absoluta obscuridade até ser redescoberto por Pablo Casals, no início do séc. XX, e passar, então, a fazer parte do repertório violoncelístico.

O título *Konzertstück* (Peça de concerto) escrito pelo compositor no manuscrito, em vez do expectável *Konzert*, explica a forma pouco convencional da obra, onde os três andamentos — “Nicht zu schnell” (Não muito rápido), “Langsam” (Lento) e “Sehr lebhaft” (Muito vivo) — se sucedem sem interrupções, como se o discurso musical discorresse com total e absoluta liberdade. Quatro anos depois, na partitura editada pela Breitkopf & Härtel está escrito “Concerto em Lá menor para violoncelo com acompanhamento de orquestra, op. 129”. Além das cordas e do instrumento solista, a orquestra pede as madeiras e os metais aos pares. Schumann dá absoluto protagonismo ao violoncelo, por um lado, escrevendo uma orquestração discreta, sobretudo na utilização dos metais; e, por outro, pelo virtuosismo que imprime ao instrumento solista.

Três acordes interpretados por toda a orquestra servem de introdução ao primeiro tema apresentado pelo violoncelo, uma melodia cálida e serena. O andamento inicial segue os cânones da forma sonata, transitando suavemente para o andamento lento, em forma de *Lied*, onde o solista demonstra toda a sua veia lírica e *cantabile*. A evocação do tema inicial do primeiro andamento pela orquestra assegura a transição para o terceiro e último andamento do concerto, um trecho frenético e virtuosístico que culmina numa inovação schumanniana: uma cadência com um discretíssimo acompanhamento orquestral.

ANA MARIA LIBERAL, 2023

Antonín Dvořák

BOÉMIA, 8 DE SETEMBRO DE 1841

PRAGA, 1 DE MAIO DE 1904

Sinfonia n.º 8 em Sol maior

O provento de uma série de viagens profissionais a Inglaterra permitiu a Dvořák concretizar o sonho de comprar uma pequena quinta em Vysoká, uma aldeia muito perto da cidade de Pribam, na região da Boémia. É lá que o compositor vai passar os meses de Verão com a família, por volta de 1884. E é lá que se sente “como se estivesse afastado do mundo” e onde pode “apreciar as belezas da natureza divina”. A Sinfonia n.º 8, escrita entre Agosto e Novembro de 1889, é o retrato fiel desse ambiente pacífico e tranquilo que Dvořák respirava em Vysoká. Escrita numa tonalidade maior, Sol, pouco habitual nas obras sinfónicas do Romantismo, esta sinfonia tem ainda a particularidade de alternar os dois modos, maior e menor, um recurso muito apreciado pelo compositor checo. É o próprio Dvořák que dirige a estreia da obra, em 1890 — primeiro em Praga, a 2 de Fevereiro, depois em Londres, em Abril, e por último em Cambridge no mês de Junho. A partitura foi publicada na capital inglesa pela editora Novello.

Constituída por quatro andamentos — “Allegro com brio”, “Adagio”, “Allegretto grazioso” e “Allegro ma non troppo” —, para uma formação orquestral preenchida por cordas, 2 flautas, 1 flautim, 2 oboés, 1 corne inglês, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, 1 tuba e timbales, esta *Oitava Sinfonia* está imbuída do espírito da Boémia. O primeiro andamento caracteriza-se por uma bonita cantilena interpretada pelos violoncelos, clarinetes, fagotes e trompas, que é interrompida de forma alegre pela flauta e por um motivo rítmico tocado

simultaneamente pelas violas e violoncelos. O “Adagio”, escrito na tonalidade de Dó menor, mas que frequentemente alterna com a sua homónima maior, é um trecho de um romantismo narrativo, com laivos de religiosidade. A seguir a uma espécie de coral com que as cordas iniciam o segundo andamento, tem lugar um diálogo entre as flautas, as cordas e as madeiras. A passagem a Dó maior traz consigo um ritmo de dança que se transforma progressivamente numa marcha solene. O terceiro andamento, “Allegretto grazioso”, é na verdade um *scherzo* na forma ABA tradicional, com carácter popular. A secção A, em Sol menor, assemelha-se a uma dança popular, enquanto na B, escrita na relativa maior, o oboé canta uma melodia de cunho simples e ligeiro. O “Allegro ma non troppo”, que constitui o último andamento da obra, inicia-se com um motivo incisivo e vigoroso nos trompetes, seguido de uma melodia quente e vibrante nos violoncelos que se converte no tema de uma série de variações. Estas, agrupadas em duas secções, são separadas por uma secção central ritmada de forma marcial. A melodia quente e vibrante com que os violoncelos iniciaram o andamento retorna imediatamente antes do final, e a Sinfonia termina de forma fulgurante com toda a orquestra envolta num turbilhão de emoções.

ANA MARIA LIBERAL, 2010

Marc Coppey

violoncelo e direcção musical

Marc Coppey conquistou uma sólida reputação como solista e pelas parcerias com grandes músicos da actualidade em formações de câmara, além da dedicação à expansão da literatura do instrumento. Ao seu estatuto como um dos mais importantes violoncelistas da actualidade soma-se o crescente reconhecimento internacional enquanto maestro.

Protegido de Yehudi Menuhin e Mstislav Rostropovitch, a sua primeira aparição internacional aconteceu aos 18 anos, ganhando importantes prémios no Concurso Bach de Leipzig (1988). Rapidamente se estreou em Moscovo e Paris ao lado de Menuhin e Victoria Postnikova, uma colaboração documentada em filme por Bruno Monsaingeon. Rostropovitch convidou-o para o Evian Festival e a sua carreira a solo disparou, com solicitações das principais orquestras e maestros. Em 2014, foi nomeado *Officier des Arts et des Lettres* pelo Ministério Francês da Cultura.

A amplitude do repertório de Coppey é a prova da sua curiosidade, estendendo-se desde as partituras mais conhecidas às menos divulgadas. Estreou obras concertantes de Jacques Lenot, Marc Monnet e Eric Tanguy, e fez estreias francesas de Elliott Carter, Mantovani e Erkki-Sven Tüür. Na lista de compositores que lhe dedicaram peças encontram-se L. Auerbach, C. Bertrand, H. Dufourt, F. Durieux, I. Fedele, P. Fénelon, P. Hurel, M. Jarrell, B. Jolas, F. Krawczyk, P. Leroux, F. Meïmoun, B. Pauset, E. Poppe, T. Pécou, M. Reverdy, J. M. Staud e F. Verrières.

Do trabalho recente e futuro, destaque para as apresentações enquanto solista com a Orquestra Filarmónica Kansai, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica da Radio France, a Filarmónica de

Estrasburgo, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Sinfónica da Rádio Polaca. Na qualidade de maestro, colabora com a Deutsche Kammerakademie e a Real Orquestra de Câmara da Valónia, entre outras, e é director musical dos Solistas de Zagreb desde 2011. Em 2021, foi artista em residência na Casa da Música.

Grava em exclusivo para a Audite classics. Em 2021, foi lançado *Shostakovich: Cello Concertos* (Sinfónica da Rádio Polaca/Lawrence Foster) e, em 2022, *Kodály: Music for Solo Cello e The French Cello* (Orquestra Filarmónica de Estrasburgo/John Nelson). Os três discos receberam críticas excepcionais, colocando-o ao nível dos grandes violoncelistas da história. A sua discografia tem sido premiada com distinções como o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o *ffff* da revista *Télérama*, entre outros. Gravou para a Accord/Universal, a Aeon/Outhere, a Decca, a Harmonia Mundi, a K617, a Mirare e a Naïve. Os seus recitais foram transmitidos pelos canais Arte e Medici.tv.

É professor no Conservatório Superior de Paris e é regularmente convidado para orientar masterclasses na Europa, Ásia e Américas. Desde 2020, é director artístico da Saline Royale Académie de Arc-et-Senans, um centro francês de arte e educação para a música.

Apaixonado por música de câmara, foi fundador do Quarteto Ysaÿe (1995-2000), é director artístico do Festival Les Musicales de Colmar e colabora regularmente com prestigiados pianistas (Nelson Goerner, Stephen Kovacevich, Kun-Woo Paik e Maria João Pires), instrumentistas de cordas (Ilya Gringolts, Vadim Gluzman, Viktoria Mullova, Alina Pogostikina e Lawrence Power) e com o conceituado flautista Emmanuel Pahud. É parceiro regular do pianista russo Peter Laul.

Toca num violoncelo de Matteo Goffriller (Veneza, 1711), conhecido como "Van Wilgenburg".

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Emanuel Salvador*
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Vladimir Grinman
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
Mafalda Vilan*
Jorman Hernandez*
Mariana Cabral*
Pedro Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Catarina Martins
Mariana Costa
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Joana Machado*

Viola

Pedro Meireles
Rute Azevedo
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Hazel Veitch
Helena Leão*
Catarina Gonçalves*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
João Cunha
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Aaron Choi
Burak Özkan*
Ana Sofia Leão*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*

Clarinete

Luís Silva
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

